

# Os desrespeitos ao plano-piloto de Lúcio Costa

por Cintia Sasse  
de Brasília

Para poder inaugurar sua principal loja em Brasília, recentemente, a rede de supermercados Servebem teve de se proteger com um mandado de segurança. E agora está ameaçada de tê-la fechada pelo governo do Distrito Federal, sob a acusação de estar desrespeitando a Lei de Zoneamento da cidade.

O problema do Servebem não é um caso isolado. Na verdade ele representa mais um exemplo de como o projeto urbanístico da Capital Federal, imaginado por Lúcio Costa, está sendo desvirtuado.

"O plano-piloto dividido em superquadras, planejadas para ter 5 mil habitantes cada uma, seria uma grande área urbana composta por comunidades independentes. As ruas laterais das superquadras seriam ruas de serviço, com comércio varejista, delimitados por duas avenidas onde se localizariam as lojas de venda por atacado", explica Nuri Andraus Gassani, vice-presidente da Associação Comercial do Distrito Federal.

No entanto, houve uma distorção no uso das áreas destinadas ao comércio, com o varejo ocupando muitas vezes o lugar do atacado.

"Esta distorção pode ser encarada como a primeira burla da Lei de Zoneamento da cidade, uma alteração do seu projeto urbano pelas próprias leis do mercado", diz Gassani.

A Lei de Zoneamento da cidade provocou alguns pontos de atrito entre o governo do Distrito Federal e comerciantes, que resolveram estabelecer-se em áreas inadequadas para as suas atividades. Por este motivo, foi fechado um cinema do plano-piloto, que perdeu a ação para o governo. E agora pela mesma razão a rede de supermercados Servebem corre o risco de ver fechada a sua principal loja, de cerca de 11.400 metros quadrados, recentemente inaugurada. O Servebem, atualmente com duas lojas e um faturamento médio mensal estimado em Cr\$ 25 milhões, começou a desafiar as disposições legais quanto ao zoneamento da cidade, quando resolveu ins-

## Disposto à briga

Um homem que quer trazer para si os louros de enfrentar qualquer poder. É assim que grande parte dos concorrentes analisa a personalidade de Edgar Garcia Ribeiro, nascido em Caculé, interior da Bahia, há 57 anos, curso ginasial incompleto e desde 1956 em Brasília. Da mercearia inicial ao auto-serviço que abriu em 1961 ("um dos primeiros da cidade", como faz questão de ressaltar), a única característica que permanece até hoje é a sua preferência em trabalhar com altos estoques e não dar a menor satisfação aos concorrentes. Nem que para isso precise acionar o seu esquema de segurança. Além disso, ele é um dos comerciantes que mais alteraram a localização de suas lojas. Inclusive, chegou a sair do ramo quando resolveu vender as suas duas lojas para o Pão de Açúcar. Um episódio que o tornou conhecido

no meio empresarial da cidade, há mais de quatro anos.

"Ele se comprometeu a não retornar à atividade de supermercado por tempo indeterminado", explica Alfredo Burghi, dirigente regional da cadeia Pão de Açúcar em Brasília, o que é refutado pelo advogado do Servebem, para quem o prazo estabelecido era de três anos e meio. Verdade ou não, Garcia Ribeiro, no final de 1977, retornou à atividade do comércio de auto-serviço. "A multa era de Cr\$ 1 milhão, mas não interessava à nossa empresa se ver envolvida em um conflito que, no nosso entender, ele estava a fim de criar, para obter publicidade. Seria a grande empresa de fora sufocando os pequenos comerciantes locais. Além disso, a quantia é irrisória e não nos resolve nenhum problema", finalizou Burghi.

calar-se na área reservada à implantação de empresas de rádio e televisão. "Neste setor, o governo permitiu, mediante decreto de outubro de 1976, que além de emisoras de rádio e televisão se instalassem ali empresas congêneres e firmas comerciais de apoio, como lanchonetes, drogarias, barbearias, agências bancárias, entre outras. Mas não abriu essa possibilidade para supermercados", explica Paulo Paiva Fonseca, diretor do departamento de licenças, obras e fiscalização do Distrito Federal.

Mesmo assim, Edgar Garcia Ribeiro, presidente da empresa, resolveu arriscar, aplicando recursos que, segundo ele calcula, já chegaram a 100 milhões de cruzeiros, entre o valor de compra do prédio e as instalações, "uma quantia elevada e que torna a empresa bastante vulnerável, apesar da boa situação patrimonial do empresário", avalia o gerente de um banco, com o qual o Servebem já manteve operações. Mas Ribeiro pretende seguir à ris-

ca um lema que norteia os seus negócios — "Não há vitória sem luta" — e continuar operando a sua loja, mesmo que isto possa resultar na sua insolvência. "É verdade que enfrentamos hoje um processo de descapitalização. Começamos apenas agora a amortizar um investimento que vem sendo feito desde 1976. Mas também é verdade que o governo já abriu uma série de precedentes no zoneamento da cidade", argumenta Edgar Garcia Ribeiro Júnior, sócio-gerente e filho do presidente da empresa, no que é apoiado por Antônio Carlos Elizaldo Osório, advogado do Servebem.

"Há inúmeras exceções, inclusive no que se refere à instalação de outros supermercados. O Carrefour, por exemplo, está instalado no setor esportivo da cidade, a Casas da Banha está exatamente no setor de rádio e televisão. Isso sem enumerar as empresas estatais que se encontram em locais inadequados", exemplifica Antônio Carlos Elizaldo Osório.